

P O E S I A

M A R I A N A I A N E L L I

ALMÁDENA

“Vive assim como quiseras ter vivido quando morras.”

Antonio Vieira – *Sermão de Quarta-Feira de Cinza*, 1672

Almádena, ensina-me a voltar.

Já varri todos os mortos,
Não há restos no chão.
Um quarto branco, uma cadeira,
O meu tempo é o presente,
Não tenho do que me queixar.

Está feito, celebrado.

Janelas e portas abertas,
Na mesa a fruta matutina,
O lírio, o copo d'água.
Uma casa agradável,
Fosse isto uma casa.

Eu me trai, Almádena.

Agora chove,
É uma tal plenitude,
Império absolvido de história.
Quanta memória vencendo,
Cobrindo, cavando o rosto,
Quantos dias, quanto cinzel,
Quantas horas.

Está chovendo ainda.
Eu tenho um rosto sem marcas.

A lua do amarelo ao sono
E essa estátua que me olha.
Uma obra merecida, consumada.

Eu desapareci, Almádena.

Nada cumpre dizer
Tanto quanto dizem esses olhos.
Eu vivo como quem ama,
Eu consinto,
É só o que me cabe.
Dar e repartir, fazer que não sei,
No bronze ser o animal que dorme.

Há uma única lâmpada,
Há um violino
E a mão que o desata.
O vento de quando em quando,
O terço quadrante e a pedra rolada.

Há uma chave que nada guarda.

A terra esplandece,
Consorte de quem parte.
Agora amanhece.

Eu me perdi, Almádena.

P O E S I A

Não há rumor nas coisas,
Elas são o que são,
Não desejam explicar-se.
A porcelana, a cambraia, a murta
E a falta de uma asa.

Aqui não existe o medo,
Eu planto e eu desbasto.
As paredes ardem,
A erva recende,
O sol vem do leste,
Tudo em perfeita ordem.

Está pronto, terminado.

Um rasgo, um passo em falso,
Uma sombra
Agora é tarde.
As cartas não chegam
Nem são enviadas.
A mesa está limpa.

Eu me esqueci, Almádena.

As cores, como elas vibram,
As auroras.
O verde das baixas altitudes,
O vermelho, o azul,
Como entornam.

Eu desço e me arrebento,
Eu despenco, sou forte.
A natureza é forte.
Quatro pilares me suportam.

O céu sobre todas as torres,
Todas as luzes, exceto uma.
As nuvens se cruzam,
Juntam-se e se afastam.
Há uma brisa lá fora.

O corpo está servido,
O corpo está saciado.
Agora anoitece.

Protege-me, Almádena.

Mariana Ianelli nasceu em 1979 na cidade de São Paulo. Formada em jornalismo e mestre em literatura e crítica literária, é autora dos livros Trajetória de antes (1999), Duas Chagas (2001), Passagens (2003), Fazer silêncio (2005) e Almádena (2007), todos pela editora Iluminuras. Colabora para os jornais O Globo - Prosa&Verso (RJ) e Rascunho (PR). Site oficial: www.uol.com.br/marianaianelli